

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Leonel Pimenta Pereira

registada em 2009-02-10
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Leonel Pimenta Pereira

Leonel Pimenta Pereira nasceu em Lille, em França, a 10 de Agosto de 1974. Os pais chamam-se Carlos da Costa Pereira e Lucinda Jesus Gonçalves Pimenta. Já estavam em França quando Leonel nasceu. “Trabalhavam os dois numa cerâmica de telha e vigas de construção civil.” As brincadeiras, com os amigos, na maior parte franceses, eram andar de bicicleta, jogar à bola, ao berlinde, ao pião e brincar com carrinhos. Aos 13 anos regressou para Portugal, primeiro para a Aveia e depois para a Mourísia, onde ainda hoje reside. Aprendeu a ordenhar as cabras e andou com os animais pela floresta. Em França andou na escola até ao sexto ano, mas em Portugal teve de regressar à primária, atrasando dois anos. O caminho para a escola, na Moura da Serra, era feito a pé, com o almoço às costas. Fez o sexto ano, mas com vergonha de ser o mais velho dos colegas, deixou de estudar. Depois da escola, foi trabalhar para uma cerâmica em Côja, primeiro na Carriça, depois para a Cerarpa. Após um ano e meio, foi para a tropa e quando voltou começou a trabalhar nas obras, até hoje.

Índice

Identificação Leonel Pimenta Pereira.....	4
Ascendência Carlos da Costa Pereira e Lucinda Jesus Gonçalves Pimenta.....	4
Casa "Era da fábrica".....	5
Infância "Não sabiam o que era um pião".....	6
Religião "Seguir os costumes da família".....	8
Educação "Aqui, voltei à primária".....	9
Percurso profissional "Depois da escola, fui trabalhar".....	11
Namoro "Contam que não era como agora".....	11
Lugar "Onde uma pessoa vive há 20 anos".....	11
Costumes Os usos da terra.....	14
Avaliação "Para as pessoas saberem".....	17

Identificação *Leonel Pimenta Pereira*



Leonel Pereira

Chamo-me Leonel Pimenta Pereira. Nasci em Lille, em França, a 10 de Agosto de 1974, mas vivia numa aldeiazinha no Norte de França chamada Pontaskun, perto de Saint-Omer.

Ascendência Carlos da Costa Pereira e Lucinda Jesus Gonçalves Pimenta

Os meus pais chamam-se Carlos da Costa Pereira e Lucinda Jesus Gonçalves Pimenta. Já estavam em França quando eu nasci. Foram através do pai do meu pai e do sogro da minha mãe, do meu avô, que levou para lá a família praticamente toda. Arranjaram lá casa e trabalho. Trabalhavam os dois numa cerâmica de telha e vigas de construção civil. Chamava-se Tuileries. Na fábrica,

era tudo francês. Os portugueses, praticamente, eram o meu pai e os meus tios. Havia lá outras pessoas doutras terras, também ali por perto. Depois, havia lá uns turcos, uns marroquinos e ajudavam-se uns aos outros. Nós convivíamos com eles. Eram lá nossos vizinhos, também. Eles aprenderam bem o francês. O meu pai ainda arranha um bocadinho e a minha mãe também. Eu é que tenho que me desenrascar a falar em francês, porque os meus primos não me falam em português.



Lucinda e Carlos, pais de Leonel (França, 1987)

"O meu avô era amolador"

O meu avô era amolador, mas quando para cá vim, já nem arranjava chapéus. Arranjava, mas era só para pessoas amigas. Se fosse uma pessoa:

- "Ah! Você podia-me fazer uma peneira..."

Lá fazia uma peneirazita, mas era só para pessoas amigas mesmo e quem lhe pedisse para fazer. O meu avô fazia e as pessoas precisavam, vinham ter com ele e ele sempre fazia uma ou outra.

Casa "*Era da fábrica*"

A minha casa em França, onde vivia eu e os meus pais, era da fábrica. Tinha aquelas casas e começou a arrendar aos trabalhadores que lá trabalhavam, aos estrangeiros, pelo menos. Os franceses tinham lá as casas deles. Tinha rés-do-chão, onde era a cozinha e a sala. Depois, tinha um andar em cima com uns

quartos e, depois, tinha o sótão. Tínhamos terreno e cultivávamos. A gente tinha o que cultivava. Lá em casa, comia-se o que se come aqui na terra. Eu também ajudava a cultivar. Tinha lá os animais, galinhas, coelhos, pombos, tínhamos lá rolas também e tínhamos estrume. Já tirava o estrume lá para a fazenda. Não tínhamos animais que dessem leite. Tínhamos leite, mas íamos buscá-lo às quintas onde as pessoas tinham vacas.

Infância "*Não sabiam o que era um pião*"

Lá, era bom. Sempre alegres. Não havia grandes chatices. Brincadeiras, era com os amigos. A maior parte eram franceses. Os meus primos é que eram portugueses. A maior parte era pessoal da escola, vizinhos e tal, tudo franceses. As brincadeiras era andar de bicicleta, jogar à bola, com carrinhos de brincar, jogar berlinde, jogar ao pião, também. Ensinei alguns meus colegas, porque eles não sabiam o que era um pião. Perguntaram como é que se mandava aquilo e eu ensinei-os a mandar o pião. Depois, acharam graça àquilo. Lá, não havia grandes brinquedos. Era mais carrinhos, berlindes, jogar à bola e andar de bicicleta. Era o que eles faziam mais. E era assim a vida lá.

Os meus pais falavam de cá. Nós vínhamos cá todos os anos um mês no Verão. Vínhamos passar férias no mês de Agosto. Depois, voltávamos outra vez para França. Eu gostava de vir cá. Tinha aí os miúdos todos, uma pessoa brincava. Ainda havia muitas crianças, mas vinham de Lisboa. Tínhamos as festas do mês e vínhamos para aí.

"Era um dia diferente"

A festa era gira, com muita gente. Era durante dois, três dias. Vinham sempre uns conjuntos, o pessoal dançava, brincava, tinham os jogos tradicionais que eram a malha, os matraquilhos... Às vezes, tinha o puxar a corda. Tínhamos o pau, metiam sabão para uma pessoa ir pelo pau a fora e quem escorregasse, perdia. Estes jogos tradicionais.

Na altura, faziam a missa ao domingo em louvor da padroeira. Havia anos que havia procissão, havia anos que não havia. Não havia pessoal e, às vezes, as pessoas:

- "Ah, e tal a procissão é de noite, depois uma pessoa pode cair e é sempre chato..."

Deixaram de fazer. Na procissão ia o Santo António, a Nossa Senhora da Assunção, a Nossa Senhora de Fátima, a Nossa Senhora dos Remédios e acho que era a Nossa Senhora da Saúde. A padroeira é Nossa Senhora da Assunção.

Saía-se da capela, dava-se a volta à povoação e voltava-se outra vez para a capela. Demorava uma horita, mais ou menos. Não chegava a um quilómetro.

Na altura da festa era um dia diferente. As pessoas vestiam-se diferente, o pessoal já não ia trabalhar para a fazenda, só iam tratar dos animais se fosse preciso. Os animais em vez de ir para a rua, ficavam na loja, dava-se-lhe o comer e voltavam para a aldeia para acompanhar os festejos.

Íamos para o rio e para Côja. Os meus tios também vinham, tinham um carro, íamos todos para o rio e brincávamos lá.

Depois, nós falávamos lá sobre Portugal, como é que era, como é que não era. Eles queriam saber e eu dizia:

- Aquilo lá é giro.

Às vezes, levava fotografias e mostrava-lhes. Diziam que era bonito, gostavam de cá vir:

- Então - digo assim - vocês podem ir lá. O país é livre.

Os meus tios ainda trazem amigos para cá verem isto. E vão felizes. Gostam de ver aí a paisagem e tal. É divertido. Dizem que é bonito.

Quando vinha cá, as pessoas contavam-me como é que era a vida. Se viesse para cá, que tinha que trabalhar mais, tinha que se acartar tudo às costas e eu comecei a pensar assim:

- Tudo às costas?

Bem, depois, cheguei cá, tive que me habituar. Foi um bocadinho complicado, porque uma pessoa não estava habituada a trabalhar. Vir para aqui ajudar o meu avô na lavoura foi um bocado diferente. Tínhamos que acartar a terra do fundo da fazenda para o cimo, às costas, tínhamos que ir ao mato, às costas. Não havia lá carro de mão ou atrelado. Era muito mais duro aqui o trabalho, porque lá era logo ao pé de casa. Levávamos um carrito de mão e punha as batatas. Era só acartar para casa. Não se tinha que andar às costas. Agora, aqui... As fazendas são longe. É mais complicado. Não é a mesma coisa.

"Uma pessoa tem que cultivar se quiser comer"

Uma vez, já eu cá estava, perguntei a um rapaz que estava em Lisboa se sabia o que era uma enxada e ele disse que não sabia o que era. São pessoas que não sabem como é que se lida cá na terra. Quem é de cá ou tem pais que são de cá, vão dizendo aos filhos:

- "Olha, a enxada é isto e tem que se fazer assim."

E as pessoas vão sabendo como é que se fazem as coisas. Agora, quem nunca viu fazer, procuram:

- "Então, mas que é isso? A minha mãe vai buscar batatas ao supermercado..."

Pois, uma pessoa vai ao supermercado comprar batatas. Agora, cá, uma pessoa tem que as cultivar se as quiser comer. O supermercado é longe.

"Não notei grande diferença"

Estive em França até aos 13 anos. Depois, vim para cá em 1987 e estive em casa dum tio meu na Aveia, ao pé de Arganil. Os meus pais ainda lá ficaram a trabalhar. Depois, com 14 anos mais ou menos, fui para o pé dos meus avós. Não notei grande diferença, porque o tempo é totalmente igual. Frio, neve, chuva. Era igualzinho. Por isso, a diferença não foi assim muito radical. Eu lá em casa também falava português. Só falava o francês na escola. Se eu fosse a falar francês em casa, vinha para aqui para Portugal - como viemos - e não sabia falar. Via-me um bocado mais complicado. Assim, o meu pai:

- "Em casa falas português e na escola falas francês."

Era para manter a ligação cá à terra. Nisso, também não achei muita diferença. Só tive que fazer novas amizades. Na escola, fiz novos amigos. Não foi muito difícil, porque eu sou uma pessoa que basta falar duas ou três vezes com uma pessoa, fico logo amigo, logo me afeiçoo. Conversamos, brincamos e é assim. Mas cá, não havia pessoas da minha idade. Eu tenho 34 anos e a pessoa a seguir a mim deve ter aí uns 42, 43 anos.

O meu avô tinha cabras e, às vezes, eu ia com ele para o gado. Ia-lhes tirar o leite. Houve um rapaz que me ensinou a ordenhar as cabritas. Foi difícil aprender, mas as ovelhas ainda foi pior, porque os "tetos" são mais pequenitos. As cabras é com a mão e as ovelhas tem que ser com dois dedos. É muito mais complicado. Também andava com os animais. Ia para a floresta e, às vezes, para as fazendas. Era conforme. Nunca cheguei a ver lobos nenhuns. Sei que cá na serra ainda os há. Às vezes, íamos lá e viam-se eles andarem. Antigamente, viam-se mais, agora, não se têm visto aí. Há gatos-toirões, esquilos, javalis, isso há que eu já vi. Agora, lobos, nunca cá vi nenhum.

Religião "*Seguir os costumes da família*"

Em França, cheguei a andar na catequese. Fiz a Primeira Comunhão, a Segunda e a Profissão de Fé. Os meus pais incentivavam. Como eram cristãos, o filho tinha que seguir os costumes da família. A maior parte dos franceses são católicos, outros vão à igreja por ir. É mesmo assim. Vão à igreja por dizer que os filhos andam na catequese e parece mal os pais não irem acompanhar os filhos.

Eu costumava ir à missa. Os meus pais, às vezes, iam, outras vezes, não. Como era perto - era meio quilómetro -, iam de bicicleta. A missa lá é pouco diferente. É um bocadinho mais rápida e tinha órgão. Cá, não tem.

Educação "*Aqui, voltei à primária*"

Ainda andei na escola lá em França. Lá, o grau é diferente. Temos o primeiro mas depois é como seja logo o liceu. Depois, temos a universidade. É diferente. Mas equivalente aqui, foi até ao sexto ano. Depois, aqui, voltei à primária, porque uma pessoa quando vem de França para Portugal atrasa dois anos. E quando vai de Portugal para França adianta dois. Daqui para lá aumenta e de lá para cá diminui. Isso foi um bocado... Uma pessoa já era grande, via aqueles pequenitos, era um bocado diferente. Só que era obrigatório, uma pessoa tinha que estudar. Vinha para aqui, ficava só com a da França?

Não havia aqui escola na aldeia. Tínhamos que ir para a Moura da Serra a pé. A pé! Às vezes, à chuva e a calçar neve. Íamos uns cinco ou seis a pé. Demorava meia hora, três quartos de hora. Era conforme. Havia uma rapariga que tinha hepatite. Às vezes, tínhamos que ajudá-la a levar as coisas, porque ela cansava-se muito mais que a gente. Íamos todos. Levávamos o almoço e ficávamos lá. Às vezes, levava sopa, arroz com carne, era variado. Nunca era sempre a mesma coisa. Depois, começou a vir cá um homenzito que tinha um carro. A escola falou com a Junta e ele levava a gente e ia-nos lá buscar quando era a hora de a gente sair.

Notei diferença na escola. Tanto na escrita como na Matemática, é um bocado diferente. Lá é mais à base de escrita. É tudo escrito no quadro. Eles faziam os testes nos quadros. Não tínhamos tantos livros como cá em Portugal. Senti um bocado isso. Cá, uma pessoa tinha aquela coisa do "vou ter que levar os livros para a escola". Lá não, lá era à base de cadernos. Aqui a parte da escrita não foi difícil, porque eu tinha lá um livro da primeira classe da minha mãe. Ela tinha aquilo em lápis. Eu apagava e depois punha-me a fazer no livro e fui aprendendo assim aos poucos. Os professores, também, como sabiam que eu tinha vindo doutro país, deram-me uma ajuda maior do que davam aos outros colegas. Depois, aprendi rápido. Fiz a primeira classe em Português e a segunda em Matemática. Daí, automaticamente, entrei logo para a terceira. Foi muito mais rápido, senão tinha que estar no primeiro, no segundo... Chegava a um grau quando andava na escola já era homem!

Os castigos, lá, era assim: punham-me no corredor virado para a parede e só quando o professor dissesse:

- "Pode vir para dentro da sala."

É que vinha. Não havia lá nada destas coisas das reguadas, nem levar com a régua na cabeça, nem nada disso. Era:

- "Vais para o canto e pronto!"

Virado para a parede o tempo que o professor quisesse.

Aqui, era diferente, era aquela coisa das reguadas nas mãos. Quando estavam a ensinar no quadro, quando uma pessoa não sabia, davam com a vara na cabeça. Essas coisas assim. Eu, reguadas, nunca levei, mas levar com a vara na cabeça cheguei a levar. Então, uma pessoa não sabia as coisas, respondia mal e a professora, pimba.

Estudei até ao sexto ano. Andei na primária e fiz o ciclo. Depois do sexto ano, desisti. Tinha 16 anos. Uma pessoa, começou a crescer a barba, começou a ver entrar pequenitos, era o mais alto deles todos, começava a olhar para aquilo... Bem, uma pessoa aqui é o pai deles todos. E eu, com um bocado de vergonha, não segui. O meu pai ainda me tentou incentivar:

- "Continua, continua."

E eu:

- Não, não.

Não, porque aquilo é só pequeninos. Uma pessoa chega ali, vê-se no meio daqueles pequenitos todos... Que é que cá hão-de dizer às pessoas?

- "Aquele gajo é burro! Não aprende..."

Eu, não. E os professores:

- "Ah, porque é que não continuas?"

- Não continuo, porque tenho a idade que tenho. Entram sempre aqui estes pequenitos. Uma pessoa no meio deles é pai deles todos.

E eles:

- "Ah, pois. A gente também compreende... Então, mas podes seguir à noite!"

Ainda lá andei um tempo, à noite, mas vinha o mau tempo, vinha a chuva, vinha a neve, uma pessoa não podia sair de casa... Mas, às vezes, uma pessoa diz assim:

- Porque é que eu não estudei? Porque é que eu agora não ando na escola? Agora, tenho de trabalhar ao frio... Às vezes, está a chover, uma pessoa não pode trabalhar, não o ganha...

Uma pessoa pensa no tempo perdido, mas já não dá para voltar. Ainda pensei em estudar à noite, só que uma pessoa tem que ir daqui para Arganil e os transportes, de noite, não há. E de motorizada, é um bocado complicado.

Percurso profissional "*Depois da escola, fui trabalhar*"

Depois da escola, fui trabalhar para uma cerâmica em Côja. Na Carriça. Uns colegas meus, que já lá andavam, disseram assim:

- "Ó pá, eles estão a meter pessoal por contrato. Vais lá, pode ser que eles te lá metam."

E foi. Fiz o meu contrato de três meses, depois fiz outro de outros três meses e fiz mais um de dois meses. Depois, acabou o serviço, saí. Fui para a Cerarpa, também em Côja. Tinha uma prima minha que trabalhava lá, que disse para a minha mãe:

- "O Leonel que vá lá pedir trabalho, que eles metem-no lá, que eles estão a precisar de pessoal."

E assim foi. Andei lá um ano e meio. Depois, fui para a tropa. Vim da tropa, comecei a trabalhar nas obras até hoje. E é assim a vida.

Namoro "*Contam que não era como agora*"

Contam os mais idosos que não era como agora, que agora a liberdade é total e antigamente tinha que ser em casa, com os pais a ver se não havia malandrice e essas coisas assim. Era diferente. Contam essas coisas. Eu, como já sou dum tempo mais do 25 de Abril, que dizem que é o ano da liberdade, é diferente.

Lugar "*Onde uma pessoa vive há 20 anos*"

Viver da terra

Cultivávamos batatas, feijões, ervilhas, favas, cenouras, tomates, salada, milho, centeio, aveia... Animais, era cabras, ovelhas, galinhas e também tínhamos coelhos. Tínhamos azeitona, mas dava sempre 9, 10 litros de azeite. Era o máximo. Aqui, há poucas oliveiras. Tínhamos um lagar ali na Cerdeira, havia outro em Pomares, outro na Foz da Moura, outro em Cartamil, ao pé da Teixeira, outro em Fajão. E eram os moinhos que haviam aí. O lagar tinha uma carrinha e vinha às povoações buscar as azeitonas. Também cultivamos e fazemos vinho. Antigamente, era com os pés. Depois, apareceram essas coisas das "esmagadeiras". Começaram a usar as "esmagadeiras", deixou-se a tradição

do "pisamento" com os pés. Ainda pisei. É uma sensação diferente. Parecia que andava a chapinhar na água. O vinho sai igual. Não fica tão bem esmagado como a "esmagadeira", ficam alguns bagos por canto, mas, depois, vão à prensa e aquilo fica tudo esmagado. Depois de esmagadas as uvas, com o cardaço, há pessoas que não o espremem, deixam ficar na dorna para fazer aguardente. E há outras pessoas que o espremem e depois deitam o cardaço fora. Antigamente, as pessoas ajudavam-se umas às outras, mas, no meu tempo, quando eu vim para cá, já não se usava isso assim. Cada pessoa trabalhava para si.

De instrumentos, usávamos a enxada, o ancinho, o garrancho... Eram assim os instrumentos. Máquinas, não. Só mais tarde o meu avô comprou uma maquinazita para começar, porque já não pode e assim com a maquinazita já é mais... A verdade é que hoje já está mais velhote, já não...

Já usávamos adubos químicos. Quer dizer, também punham estrume, mas também púnhamos adubo para o renovo não ser só à base de estrume. Antigamente, era estrume, só. Era mesmo só a base do estrume dos animais.

Pesticidas, por causa do bicho, do escaravelho, do mldio, da formiga, da aranha... Nas videiras, nas uvas, nas árvores...

Na altura, ainda haviam uns moinhos a moer ao pé da ribeira. Ainda cheguei a lá ir moer muita vez com o meu pai, a pé, com o milho às costas. Depois, para cima, é um bocadinho mais pesado, porque aquilo é moído, dava mais peso um bocadito. Depois, o pessoal começou a comprar moinhos eléctricos e deixaram de ir à ribeira, porque é um bocado longe de moer. Mais tarde, veio uma cheia e levou a maior parte dos moinhos por lá abaixo. Foi agora há pouco tempo, em 2002.

"Já havia luz e água em casa"

Quando cheguei cá, já havia luz e água em casa. Os meus pais começavam-me a contar como era antigamente quando faltava a luz aos dois e três dias, cá. Contavam que tinha que ser com velas ou com candeeiros a petróleo. Era o que usávamos quando faltava a luz. Diziam também que iam à fonte buscar a água.

"A Comissão é de melhoramentos"

Que eu me lembre sempre tivemos ali a Comissão. Tem uma mercearia por cima do bar. Sempre eu me lembro cá ter a mercearia. Antigamente, diziam que havia uma tabernita. Mas continuavam a cultivar na mesma. Vinham comprar o arroz, massa, feijão - quem não semeava -, vinagre, sal, essas coisas assim. Coisas que não se cultivam compravam lá nessas casas, lá na mercearia. Também

não vendiam o que produziam para fora. Aqui, que eu me lembre não. Há aí povoações que, às vezes, fazem isso, mas nós, nunca me lembro aqui da pessoa ir para Côja ou para Arganil vender.

A Comissão tem arranjado aí as ruas. E tem para o pessoal ter onde estar à noite, para estar um bocado. Uma pessoa vem cá do trabalho, quer estar um bocado sossegado a conversar, temos a Comissão. E arranja dinheiro para as obras. A Comissão é de melhoramentos da terra. Temos em Lisboa a sede. No Verão, o dinheiro que se faz na festa vai para essa sede, que depois faz os melhoramentos da terra.

Mourísia passada e presente

A diferença é pouca, ligeiramente pequena. Já chegava cá a estrada, mas em terra batida. O asfalto foi posto pelo menos há uns cinco, seis anos. Foi quando abriu uma estrada por baixo que vai direita ao Sobral Gordo. Foi na mesma altura.

"Ficava tudo coberto de neve"

Quando vim para cá, nevava. Ainda bastante. Ficava tudo coberto de neve. Ficava mais isolada a aldeia. Tínhamos que ir à escola na mesma, a pé na mesma, com galochas. Uma altura, prendeu as janelas, nem se podiam abrir, nem nada. À porta, púnhamos um bocado de sal e sempre ia derretendo, nunca colhia tanta neve. Depois, veio esta parte, deixou de nevar. Vinha coisa pouca, mas derretia logo. Agora, nestes últimos anos é que têm vindo aí uns nevões mais ou menos engraçados. Fica aí, ainda, uns dias, mas já há muito tempo que não nevava cá assim.

"Iam para Lisboa"

Algumas pessoas iam para Lisboa. Eram pessoas mais novas que eu, que começaram a estudar. Depois, foram para a universidade, lá arranjaram trabalho, outros foram trabalhar para um lado, para os cafés, para pastelarias... Viver uma vida diferente. Eu, família em Lisboa, não tenho. Tenho é pessoas aqui da terra. Só que é que o pior é arranjar onde dormir, porque uma pessoa não arranja um quarto assim muito facilmente. E ter pessoas em casa é um bocado... Querem estar à vontade. É como que seja um estranho em casa.

"Seguem as setas que dizem "castanheiro""

Sei que tem mais de 300 anos e que é um grande castanheiro. Já passou o lume por dentro, já passou mais coisas lá, mas a história dele não sei. Desde que o Michael fez o projecto, já cá veio muita gente vê-lo. Já cá vieram pessoas da Mata. Na Mata, também lá tem um livro. Vêm aí e perguntam às pessoas para onde é que é o caminho:

- Vocês seguem as setas que dizem "castanheiro". Vocês lá vão ter.

Quando a gente, às vezes, fazíamos o piquenique, era lá. Fazíamos na segunda-feira da festa lá à sombra do castanheiro. Era quem quisesse ir. Praticamente, a aldeia. O pessoal da aldeia que quisesse ir, ia.

"A terra está a desaparecer"

A terra para mim é onde uma pessoa vive há 20 anos. E é pena deixar, às vezes, morrer onde uma pessoa... Há pessoas que já nasceram cá, é diferente. Mas para quem para cá vem e já cá está há 20 anos, deixar morrer a povoação... Não consigo ver, pronto. É feio. É triste. A terra está a desaparecer. Há menos gente. Vão morrendo, outros vão indo para Lisboa. Há muita pouca gente. Aqui, os mais novos sou eu e os filhos do presidente. O resto é tudo idoso. O trabalho, também, é como se vê. Uma pessoa tem que se deslocar para arranjar alguma coisa.

Costumes Os usos da terra

"Comia-se o famoso bacalhau"

No Natal, quando eu vim para cá, fazia-se a fogueirazita no café. À noite, estava-se ao pé da família. Comia-se o famoso bacalhau com as batatas e as couves. Esperávamos pela meia-noite, comia-se o bolo-rei, abria-se um champanhe e estava-se mais um bocado com as pessoas amigas. Às vezes, eu saía da povoação e ia para a Moura da Serra, que faziam lá a fogueira com os cepos de Natal e passava assim o tempo.

"Ainda vem o padre"

Na Páscoa, ainda vem o padre. Aqui, não é o padre, é uma pessoa que o representa, com a Cruz a beijar pelas casas, a receber o foliar e alguma coisa que se queira dar para o Senhor. Quando vim para cá ainda havia padre. Sempre me lembro deste padre que agora a gente tem. Era de várias povoações, que pertencem à freguesia. São umas três ou quatro.

Brincadeiras antigas

No São João, costumávamos roubar os vasos para meter nas fontes, mas depois houve pessoas que começaram a esconder os vasos para ninguém os roubar e hoje em dia, a gente deixou de fazer essa tradição. Carregar os vasos às costas também era um bocado complicado, mas fazíamos. Roubávamos os vasos a uns e a outros e íamos pô-los ao pé da fonte. Depois, as pessoas tinham que lá ir buscá-los. Quando começaram a esconder os vasos, já não tínhamos hipóteses de os roubar. Deixavam lá os grandes que uma pessoa não podia com eles. Foram indo para Lisboa e isso foi acabando.

Os velhotes contavam que se metia um pau, depois metia-se um gato dentro dum cântaro, pendurado no pau, metia-se a palha em volta e punha-se a arder a palha. Quando chegasse lá em cima, o gato caía cá em baixo e, pronto, faziam aquelas risadas. Mas tinha de ser um gato bravo, que não se deixava agarrar, para ver se eles amansavam, mas não tinha hipótese. Só se o matassem, mas como dizem que os gatos têm sete vidas, era só uma que perdia. Mas do meu tempo, quando vim para cá, não me lembro de ter feito. Eles achavam piada, conta o meu avô aí. Eu não achava piada nenhuma.

"O que a gente cria é muito melhor"

Quando vim, ainda se criavam porcos e fazia-se a matança. Cada um que tinha o animal, matava só mesmo para si. Só se juntava a família praticamente. Não íamos a casa uns dos outros. Matávamos à faca e punham o sangue, para ir para o chouriço. Matar, nunca matei, mas ajudar, ajudei. Agarrava na corda. Às vezes, no curral, iam só duas pessoas agarrar nas orelhas. O outro estava à porta a ajudar para agarrar no rabo. Trazíamos com uma corda pelo focinho, puxava-se o banco e metia-se por cima do banco. O que estava na corda levava a corda em volta do pescoço do focinho, outro segurava nas patas dianteiras, outro nas traseiras e depois o matador só tinha que espetar a faca. Outra pessoa por baixo, com o alguidar, aparava o sangue. O porco ainda estrebuchava um bocadinho,

ainda tinha que ser pessoal para segurar. Eu não estava habituado. Uma pessoa não sabia. Sabia o que era a matança do porco, mas fazer, fazer nunca tinha feito. O porco a berrar, fazia uma confusão... Pelo guincho e pela força de ele fazer, sempre a puxar pelas pernas... É diferente. Depois, tinha de queimar os pêlos com uma carqueja para os raspar com uma faca. Depois, desmanchava-se, botava-se-lhe a tripa. Às vezes, havia pessoas que a tiravam e iam lavá-la à ribeira para fazer as chouriças. Outras pessoas, deitavam as tripas fora. Guardavam a parte da bexiga para fazer o bucho e as tripas iam fora. Depois, compravam tripa seca para fazer chouriças. Depois, ainda se salgava e punha-se no fumeiro.

Por essa altura, comíamos do que criávamos em casa e do que vinha de fora. A carne é bastante diferente, porque cá, é criado só à base de legumes e na pecuária é um bocado diferente. É à base de farinhas. O que a gente cria cá é muito melhor, muito diferente. É como os frangos. É diferente, também. A carne que a gente cria é mais rija e mais saborosa que a dos aviários. É criado diferente. A gente cria, sabe o que é que lhe deita e nos aviários é rações, é vitaminas, metem produtos nas águas para eles não terem doenças. É diferente.

"Magusto do Dia de Todos-os-Santos"

Antes, fazia-se magusto do Dia de Todos-os-Santos. Em algumas terras ainda se faz. Na Moura e no Porto Castanheiro ainda faziam. Aqui não. Também já há poucas castanhas, pouco castanheiro. Uma pessoa faz em casa, já não enfarrusca tanto as mãos. É diferente.

"O queijo era diferente do comprado"

Em França, a minha avó mandava sempre uns queijitos da terra e eu:

- Então, de onde é que veio este queijo?

- "Ah, foi a tua avó que fez."

Depois, quando cheguei cá é que vi realmente. O queijo era diferente do comprado. O sabor era diferente. Era mais aquele sabor a cabra. O queijo que a gente comprava era aquele sabor do leite da vaca. É muito diferente o sabor. A minha mãe faz aqui o queijo. Coalha o leite, com uma concha mete para dentro do acincho. Depois, espreme com as mãos, mete-lhe sal por cima para dar o tempero e mete na queijeira. Às vezes, fazia queijo fresco, mas como a gente não é de comer muito queijo fresco, mete na queijeira e depois come-se ao fim de seco.

Comida típica

O típico aqui em questão de comida é a chanfana e o arroz de fressura, que é arroz com o sangue que se tira dos animais. O sangue é cozido, depois é cortado em bocadinhos e metido no arroz a ferver. Em questão de doce, é a tigelada e o arroz-doce. Que eu me lembre. A minha mãe sabe. Eu, não. Sei que se faz com ovos e com leite, agora se leva mais algum ingrediente, não sei.

"A cabeça é para o caçador que matou"

Caçavam e caçam javalis. De vez em quando, quando fazem maldades, fazem essas montarias de javalis, organizam uma montaria. São vários caçadores e fazem um sorteio. Pagam "x" por cada inscrição de montaria e caçam com armas de fogo. Costumam fazer armadilhas, mas é proibido e as pessoas têm medo e tentam não fazer, porque, se forem descobertos, as multas são um bocado elevadas. Depois, a carne é leiloada e a cabeça é para o caçador que matou o javali.

"Aí vai o lobisomem"

Uma vez, o meu avô contou-me que ouviam um sapateado pelas ruas abaixo. Diziam assim:

- "Olha, aí vai o lobisomem."

Dizia que era um homem, que tinha um mal. Quando chegava à meia-noite de lua cheia, transformava-se em bicho.

Avaliação "*Para as pessoas saberem*"

Acho bom, para as pessoas pesquisarem as coisas, como era antigamente o que as pessoas faziam, como é que eram os hábitos. Pois, para as pessoas ao menos saberem um pouco de tudo, porque há pessoas que não sabem o que é trabalhar na lavoura, não sabem o que é uma cabra, não sabem o que é tirar leite, não sabem o que é fazer queijo, não sabem o que é um porco, fazer o fumeiro, não sabem essas coisas. Estão a dizer que isto vai para a Internet e eu acho que é interessante este projecto.